

O ARTESANATO DA MEMÓRIA NA LITERATURA POPULAR DO VALE DO JEQUITINHONHA

REINALDO MARTINIANO MARQUES *
VERA LÚCIA FELÍCIO PEREIRA **

RESUMO

O presente texto expõe algumas questões relacionadas sobretudo com o problema da memória, do relato memorialista, a partir de uma investigação sobre literatura popular na região do Vale do Jequitinhonha, MG.

«O seguinte é esse que segue: falo porque vi e vivi e posso provar.»

(Ditado recolhido junto a contadores de caso do Vale do Jequitinhonha)

-
- * Professor-Assistente de Literatura Brasileira do Departamento de Letras da PUC-MG e doutorando em Literatura Comparada na UFMG.
 - ** Professora-Assistente de Teoria da Literatura do Departamento de Letras da PUC-MG e mestranda em Literatura Brasileira na UFMG.

A declaração contida na epígrafe acima pode parecer um tanto despropositada no contexto desta Revista, em razão de sua transparente oralidade, de seu tom categórico e incisivo. No entanto, designa com bastante propriedade inúmeras questões relacionadas ao objeto de uma pesquisa que estamos desenvolvendo no Departamento de Letras da PUC-MG. Trata-se de uma pesquisa sobre a literatura popular do Vale do Jequitinhonha, empenhada na recolha e análise de contos, casos, histórias e lendas da região. Contando com 52 municípios e situada ao norte do Estado de Minas Gerais, entre os vales do Rio Doce e do Mucuri, a região do Vale do Jequitinhonha é conhecida menos pela riqueza de sua produção cultural — com manifestações no artesanato, na música, na literatura popular e no folclore — do que pela pobreza e abandono de sua população no campo sócio-econômico. Situação esta que merece ser denunciada, transformada, e que é responsável por uma realidade paradoxal: a da existência de um povo tão sofrido e depauperado econômica e socialmente e que, contudo, é capaz de expressões culturais tão vivas e dinâmicas. Sua cultura constitui-se, na verdade, numa forma vital de resistência contra uma ordem estabelecida que parece destiná-lo irrevogavelmente à perda da identidade cultural e até mesmo à supressão física. Mas o que nos interessa neste campo é acenar, ainda que de modo indicativo, para algumas questões com que temos deparado no encaminhamento de nossa pesquisa. Sobretudo aquelas questões ligadas ao problema da memória, do relato memorialista.

Foi tendo em vista a intensa e relevante produção da cultura popular do Vale do Jequitinhonha, o que a credencia como mere-

cedora da atenção de pesquisadores e especialistas; a importância de se preservar a identidade cultural das diferentes regiões que compõem não só Minas Gerais como todo o Brasil; a necessidade de maior respeito e valorização das manifestações culturais regionais, quer pela população em geral, quer pelas populações locais, em particular; a urgência de uma relação mais efetiva e lúcida entre a universidade e a sociedade, de modo que aquela possa contribuir de fato para o atendimento das necessidades e demandas concretas desta — foi levado em conta tais considerações que apresentamos ao CNPq projeto de pesquisa, já aprovado, para cumprir os seguintes objetivos: a) fazer o levantamento de um *corpus* da literatura popular do Vale do Jequitinhonha; b) caracterizar o processo de produção, circulação e recepção desta literatura; c) determinar as recorrências temáticas e as preocupações formais nela presentes; d) divulgar a literatura popular do Vale na própria região e fora dela.

Estamos desenvolvendo a presente pesquisa inicialmente em cinco cidades do Vale, a saber: Diamantina, Serro, Minas Novas, Turmalina e Araçuaí. Posteriormente pretendemos estendê-la a outras cidades, até conseguir mapear a região pelo menos nas cidades mais significativas em termos de literatura popular. Numa primeira etapa dos trabalhos de campo, já realizada, procuramos localizar informantes — os contadores de contos, casos e histórias —, tanto nas zonas urbanas quanto nas rurais. Empenhamo-nos em estabelecer com eles uma relação de confiança, conhecer sua situação concreta de existência, ouvir suas experiências, para então passar-se à fase das gravações. Visitamos também escolas e bibliotecas públicas, a fim de saber do interesse pelos contos e casos da região e se já existe material registrado no campo da literatura popular. Cumprida essa primeira etapa, mais de contatos, de conhecimento do campo, de entrosamento com lideranças e entidades culturais, estamos entrando numa fase mais efetiva e objetiva de coleta do material, a ser desenvolvida ao longo do ano de 1988. Contamos, para tanto, com a colaboração da Fundação Educacional do Vale do Jequitinhonha, de Diamantina, e de alunos da graduação do curso de Letras da PUC-MG, envolvidos no projeto.

Após essas informações sobre o projeto de pesquisa, passemos à consideração de algumas das questões mais relevantes detectadas em nossa investigação sobre a literatura popular do Jequitinhonha.

1. Em se tratando de literatura popular, na medida em que esta vincula-se sobretudo à tradição oral, às formas orais de

expressão, uma questão básica refere-se à contradição lingüística assentada na oposição entre língua oral e língua escrita. Enquanto instrumento do povo em geral, a primeira é destituída de prestígio social e recusada pelo sistema escolar; já a segunda, como instrumento de expressão dos segmentos dominantes, é dotada de prestígio e valorizada pela escola, constituindo-se em meio de ascensão de classe. Ora, a solução ideológica da contradição lingüística é patente: o privilégio concedido à escrita, em detrimento da língua oral, nada mais é que uma forma de assegurar os privilégios da classe e cultura dominantes, impedindo que a maioria dos falantes veja reconhecido e valorizado o seu projeto lingüístico. Uma tal reflexão cabe obviamente à sociolingüística. Todavia, ao se pensar a literatura popular torna-se imprescindível resgatar a precedência da língua oral em relação à escrita; faz-se necessária a problematização do primado da letra de forma, do exclusivismo que a tem distinguido ao longo dos séculos. Mesmo porque, no mundo da técnica e da comunicação audiovisual, a página impressa perdeu a sua posição hegemônica, não se constituindo mais na única e exclusiva via de transmissão e preservação da cultura, do conhecimento adquirido. E numa realidade como a brasileira, com seu elevado índice de analfabetos e semi-analfabetos, muitos indivíduos estão passando diretamente do mundo ágrafo para o mundo da comunicação audiovisual, sem passar pela mediação da escrita. Muitos, por exemplo, não leram e certamente jamais lerão a obra-prima que é *Grande Sertão: Veredas*; no entanto, grande número desses terá visto o seriado da Rede Globo baseado no texto de Guimarães Rosa. Resta saber quais as implicações de um tal fenômeno da comunicação de massa para a literatura e seu estudo; em que isso altera o quadro das contradições lingüísticas e redimensiona o da literatura popular.

Da reflexão anterior decorre a nossa compreensão de que uma abordagem adequada da literatura popular, que não incorra em equívocos epistemológicos, deve levar em conta os elementos do circuito da comunicação. Com efeito, na dinâmica da literatura popular, por sua relação orgânica com a via e o imaginário das comunidades, marcada pelo senso do concreto, emissor e receptor encontrâm-se numa posição simétrica, de equivalência, o que possibilita a permuta de papéis. Longe de ser cassada, a fala do outro, interlocutor-receptor, é estimulada, requisitada, como bem o demonstra o desafio popular lançado pelos contadores de caso do Vale, após contar uma história: "Entrei de bico de pato, saí de

bico de pinto; eu contei uma, você me conta cinco.” É bem o oposto o que sucede na literatura de massa, movida pela lógica da produção de efeitos; nesta o receptor é colocado como consumidor passivo de textos, visto que a relação é assimétrica, verticalista, cabendo ao emissor a primazia no processo. Nas manifestações literárias populares, as narrativas são como barro a ser manipulado e modelado por narradores-artesãos, devendo ser guardadas e preservadas por uma memória artesanal mais coletiva que pessoal. Bem diverso é o destino das narrativas da literatura de massa. Como entretenimento, são devoradas por um consumidor voraz, que logo as atira fora como a um objeto descartável. Estão condenadas ao esquecimento. Também do ponto de vista da recepção, a literatura popular diferencia-se da literatura de massa. Os contextos de leitura são diferentes. Enquanto a recepção na literatura popular tende a ser comunitária, ocorrendo numa roda de pessoas em torno de um fogo, de uma viola, por exemplo, na literatura de massa a recepção é individualista.

2. Gostaríamos de registrar aqui um outro problema, de incidência marcadamente metodológica. Trata-se da relação entre sujeito e objeto no processo de conhecimento. Ante à pergunta “qual é o objeto da pesquisa?”, podemos responder prontamente: são contos, casos, histórias, lendas, muito daquilo que André Jolles designa como *formas simples*. Mas há um complicador, posto que muito desse material não está registrado na página impressa. Muitas das narrativas da literatura popular existem na tradição oral, mais especificamente na memória dos contadores de casos, normalmente pessoas mais velhas. O nosso objeto se materializa e toma forma, de linguagem oral, na ação mesma de contar, realizada por um narrador empírico, presente, que narra substancialmente com o concurso da memória. Pode-se dizer que o nosso *objeto* é também um *sujeito*, sujeito de outra ordem, distinto do pesquisador enquanto sujeito do conhecimento. Como fica então a necessária distância entre o sujeito (o pesquisador) e o objeto (da pesquisa), para que se produza o conhecimento?

Há aqui algumas dificuldades sérias. Por um lado, não podemos ignorar que um elemento cultural sozinho, isolado, nada significa; sua significação é função de seu contexto de ocorrência. Daí a necessidade de se ater ao contexto em que são produzidos e transmitidos os contos, casos e histórias típicos da literatura popular. São expressões da vida e do imaginário do povo que não podem ser descontextualizadas. Por outro, tais manifestações encontram-se

preservadas na memória de narradores concretos que, no caso específico do Vale do Jequitinhonha, são pessoas marcadas pelo depauperamento, pela exploração sócio-econômica. São narradores que, como no caso de Seo Américo e Dona Nem, um casal de velhos com quem recolhemos alguns contos, choram com a nossa visita, que os tira da solidão em que se encontram, visto que os filhos foram embora, tentar a vida em São Paulo. E que lamentam a queda da Igreja do Rosário, abandonada pela administração pública, e o cruzeiro retirado do seu antigo lugar ao lado do cemitério. Fazem-nos ver que os velhos morrem duplamente numa sociedade que não respeita sua memória. Antes da morte biológica, talvez menos dolorosa, há a morte simbólica resultante da demolição dos referenciais simbólicos de seu tempo. Diante desse quadro, caberia uma posição neutra e distante por parte do pesquisador? Em caso negativo, até que ponto uma empatia tal entre sujeito e objeto (—sujeito) não constituiria um empecilho à própria produção do conhecimento? No caso da investigação sobre a literatura popular, tais questões são pertinentes. E parece-nos que o pesquisador está destinado a experimentar uma tensão contínua entre o distanciamento e a empatia. Cabe a ele, discriminando bem as tarefas e campos discursivos, encontrar os canais específicos de expressão de um duplo compromisso, em nível científico e em nível político.

3. A questão memorialística foi apreendida no andamento de nossa pesquisa e se tornou um problema relevante na constatação de que deveríamos distinguir, na análise do material coletado, a “matéria da recordação”, o que é lembrado e faz a permanência da identidade cultural, do “modo da recordação”, isto é, o como se lembra, ligado aos estilos narrativos dos narradores, onde se notam influências da personalidade de cada um. O modo é determinado em muitos aspectos — dicção, gestualização etc. — pela situação de recepção, momento em que são contextualizados e elaborados pelo grupo receptor novos conteúdos informativos e experiências.

No Vale do Jequitinhonha percebemos a existência do narrador de que nos fala Walter Benjamin (cf. “O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov”), com seus dois tipos arcaicos: o narrador-viajante, que traz de terras distantes o saber do outro, e o narrador-artesão que, permanecendo em seu meio e trabalho, possui o saber da história, preservando os casos e tradições da comunidade. O jovem e o adulto, premidos pela necessidade econômica, são levados para os grandes centros urbanos, para terras distantes, onde engrossam as fileiras dos bóias-frias nos canaviais e usinas

de açúcar sobretudo de São Paulo. Mais tarde regressam à sua terra com o sofrimento e a experiência vivenciados em um ambiente que não lhes é favorável. Explorados, voltam tão pobres quanto partiram, desprovidos das esperanças e sonhos de amealhar para a compra e o cultivo de seu próprio pedaço de terra, trazendo idéias e formas culturais estranhas.

Permaneceram no Vale os velhos, as mulheres e as crianças, executando um trabalho artesanal que lhes garanta meios de sobrevivência. E, em seus momentos de celebração e lazer, narrando sua luta com sóbria concisão. Reunidos, ambos os grupos mergulham em suas experiências, entregues aos relatos de casos e histórias que a memória conservou. Ao juntarem suas narrativas imprimem nestas a sua marca, num trabalho de modelagem que resultará na elaboração de formas simbólicas dotadas de um sentido e de uma prática social específica.

Nessa relação entre narradores e ouvintes, que se pensa ingênua mas que não o é, afirma-se a importância das narrativas e o interesse por sua preservação, garantindo-se sua reprodução e transmissão oral. Isto porque as narrativas constituem uma forma de resistência à diluição dos valores e tradições da comunidade e garantem o repasse de um saber que deve ser comunitário. Aconselhando e admoestando por meio da representação narrativa de suas experiências reais ou fictícias, os mais velhos são ouvidos ainda com uma devoção, não mais percebida nos grandes centros, por aqueles que acreditam na essência ideativa daquilo que narram. Daí a existência dos contos de exemplo, de encantamento, religiosos e etiológicos. O sofrimento e a morte próxima autenticam as experiências desses narradores populares e lhes conferem uma autoridade indiscutível. Razão por que se exprimam categoricamente: "o seguinte é esse que segue: falo porque vi e vivi e posso provar".

Descodificando-se a declaração acima, apreendemos que a reminiscência está na base da cadeia da tradição que, transmitindo acontecimentos e experiências significativas de geração a geração, tem na figura do narrador o herói — de porte mítico — que religiosamente ata os membros da comunidade às suas raízes mais genuínas. Por meio desta atividade mnêmica o narrador exerce a função social de ser a memória viva do grupo, resguardando a sua unidade com o respaldo de quem viu e viveu. Desempenha particularmente uma tarefa de convencionalização, ajustando as imagens e idéias da recordação às convenções verbais de seu grupo,

estilizando-as segundo o ponto de vista cultural e ideológico da comunidade a que pertence. Na expressão “o seguinte é esse que segue”, o seguinte é o imediato numa cadeia de narradores e esse, a pessoa que narra e com quem falamos, é o elo de transmissão da palavra-experiência, a comprovar a veracidade do que narra com o testemunho do seu próprio existir.

Percorrendo os caminhos do Vale do Jequitinhonha encontramos em sua produção artesanal um vínculo criador que une a região e que, ao tornar-se marca de determinada cultura, remeteu-se a uma forma de comunicação congregadora do viver social e comunitário. Trata-se de uma peculiar maneira de fazer, em que o narrar acompanha o fabricar, o trabalho manual. Cada máscara forjada no barro tem uma história que cerca a sua criação, cada tronco pacientemente esculpido tem nas suas formas uma insuspeitada explicação cercada da tradição do contar. Toda boneca tem em seu processo de fatura um narrador associado ao saber e à experiência de vida do seu escultor.

O intercâmbio de experiências é a fonte destas narrativas orais, que transformam o ato simples da benzedeira do interior num contar tecido da substância viva que o explica como ato e esparge conselhos e sabedoria. A tradição oral traz em si uma dimensão de utilidade, seja no ensinamento moral, na sugestão prática, na norma de vida, seja na tentativa de cura dos males que afligem o homem. As narrativas assim transmitidas fazem parte de um tesouro popular em que a arte de contar histórias e de ouvi-las ainda permanece no hábito da comunidade. Ouvindo, ao pé do fogão de lenha, histórias de exemplo, de moral, do tempo que os bichos falavam, percebemos a urgência de se conservar uma rede tecida há anos e conservada pela memória em torno de um trabalho manual.

Concluindo, o que fizemos na realidade foi refletir sumariamente sobre alguns problemas referentes ao estudo da literatura popular. Ao longo dos trabalhos da pesquisa, esperamos desenvolver de modo mais detalhado essas reflexões, especialmente a que se refere ao relato memorialista dos narradores populares, que nos parece ser a mais instigante em seus traços mnésicos, sociais e culturais.